

Orígenes: esperança escatológica ontem e hoje

Origen: Eschatological Hope Yesterday and Today

*Ashbell Redua*¹

RESUMO

A compreensão da teologia na atualidade requer conhecimento da história da igreja, a formação de seus dogmas e a defesa da fé. Ao estudar Orígenes, podemos entender a esperança escatológica hoje, que mostra as mesmas influências neoplatônicas apontadas no dualismo grego. É uma escatologia puramente espiritualista, segundo a qual todos os intelectos retornarão a seu estado original de harmonia e comunhão com Deus. Além disso, no que se refere ao caso particular de toda a Teologia Patrística, procurámos mostrar que o seu trabalho merece apreciável destaque, pelo carácter brilhante e inusitado de Orígenes, que viveu em um período tão indefinido, pensando além de sua época caracterizada pelo contexto da cultura e teologia helênica.

PALAVRAS-CHAVE

Patrística; Escatologia; Teologia e História da Igreja.

ABSTRACT

Understanding theology today requires knowledge of the history of the church, the formation of its dogmas and the defense of the faith. By studying Origen, we can understand the eschatological hope today, which shows the same Neoplatonic influences pointed out in Greek dualism. It is a purely spiritualistic eschatology, according to which all intellects will return to their original state of harmony and communion

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (1989), com validação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2007), Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-Rio (2010), Especialista em Direito Ambiental pela Universidade Gama Filho, Especialista em Direito Militar pela Universidade Castelo Branco, Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unidade de Vitória.

with God. Furthermore, with regard to the particular case of all Patristic Theology, we have tried to show that his work deserves considerable attention, due to the brilliant and unusual character of Origen, who lived in such an indefinite period, thinking beyond his time characterized by the context of Hellenic culture and theology.

KEYWORDS

Patristic; Eschatology; Theology and History of the Church.

Orígenes foi um grande pensador, filósofo e teólogo cristão e, sem dúvida, um dos gênios da Igreja Cristã. O interesse despertado em pesquisar o seu pensamento escatológico se originou nos estudos do pensamento cristão, principalmente em pesquisa no período patrístico. “É difícil de dizer o que mais nos admira em Orígenes, se é a extensão e a força do saber, ou o entusiasmo, o fervor do homem, as qualidades religiosas do cristão ou a alma do fogo do apóstolo e do mártir”². Procuo traçar uma linha de pesquisa partindo do conhecimento teológico até as questões escatológicas por ele debatidas.

O artigo está dividido em uma introdução, três subdivisões e a conclusão. Na primeira parte situo na história o personagem principal, Orígenes. Quem é esse homem? Um teólogo controvertido que foi uma espécie de confluente de diversas correntes? Por sua origem, ele vincula-se à tradição catequética e sua obra é essencial dentro da documentação catequética. Ele agrega ainda, em sua obra, elementos da gnose judaica, além de conteúdos da teoria aristotélica e outros similares ao pensamento estoico. Além de tudo isto, Orígenes é um crente, um homem que foi usado por Deus no seu próprio tempo.

Na segunda parte apresento a construção do seu pensamento teológico, as influências do médio-platonismo e a teologia de Fílon que impregnaram o seu caráter, embora ele tivesse certa estima pelos pensadores pagãos. Orígenes relaciona conhecimento sagrado diretamente com a Bíblia e acredita que seja função dos seres espirituais descobrir este significado interno da verdade revelada e usar sua inteligência na

² HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 91.

contemplação das verdades espirituais. A vida espiritual do homem é tão somente o gradual desenvolvimento do poder da alma de perceber a inteligência espiritual da Escritura que, como o próprio Cristo, alimenta a alma. A presença do Logos Divino no coração do homem e na raiz de sua inteligência torna possível compreender o significado interno das Sagradas Escrituras através da iluminação do Espírito de Deus. O Logos é o iluminador da alma, a luz que faz a visão “intelectual” possível. De fato, o Logos que existe *in divinis* é a raiz da inteligência do homem e o intermediário através do qual o homem recebe o conhecimento do sagrado.

Na terceira parte definimos o que é escatologia, a esperança da Igreja. Fazemos uma comparação entre a escatologia antiga judaica e a escatologia hoje. Ao tratar do pensamento escatológico de Orígenes, procurei trazer à tona cinco subtemas que julgo importantíssimos para a vida da igreja tanto no passado quanto no presente e, conseqüentemente, no futuro: a imortalidade da alma, a ressurreição, o estado intermediário da alma, a salvação universal e a intercessão pelos mortos. Ao final concluo o texto com algumas expectativas e questões escatológicas na práxis da igreja na atualidade.

1. Orígenes: antes de tudo um cristão

Orígenes foi, sem dúvida, um dos grandes gênios da Igreja Cristã, “mais poderoso não somente na Igreja, como também da humanidade, somente Agostinho podia ser comparado a ele”³. Ele nasceu em Alexandria, provavelmente no ano 185, e seu pai Leônidas foi martirizado em 201/202, deixando a família em grande necessidade. Com o martírio do pai “um forte desejo de martírio ardia também na alma do jovem evidenciado na carta escrita quando o pai estava na prisão: ‘não mudeis de decisão por nossa causa’⁴. Para sustentar a si, a sua mãe e seus irmãos, Orígenes ensinou gramática, na casa de um herege muito rico.

³ HAMMAN, 1980. p. 91.

⁴ GOMES, C. Folch. *Antologia dos Santos Padres*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p. 147.

Nesta época o neoplatonismo era a filosofia mais difundida, especialmente por Amônio Sakkas, que também era condiscípulo de Porfírio. Orígenes, sendo cristão e tendo percebido que era procurado por pagãos e hereges cultos, que conheciam a filosofia, sentiu-se impulsionado a dedicar-se ao ensino de filosofia e teologia com mais afinidade. Contudo o amadurecimento cristão só foi possível em 203 d.C., quando o bispo Demétrio, de Alexandria, colocou-o à frente da Escola Catequética daquela cidade e, ali, ele pode aflorar seus conhecimentos, manifestar seu gênio, ganhando seu próprio espaço e atraindo muitos ouvintes, inclusive pagãos. É difícil dizer o que nele se deve admirar mais, se a extensão e a força do saber, ou o entusiasmo, o fervor do homem, as qualidades religiosas do cristão, a alma de fogo do apóstolo e do mártir!

Após ensinar quase trinta anos na escola catequética de Alexandria, Orígenes transferiu-se para Cesareia, na Palestina, passando à frente da escola, tendo o sacerdote Héraclas, seu antigo auxiliar. No ano seguinte Héraclas tornou-se bispo de Alexandria e na direção da escola de Alexandria sucedeu-o Dionísio, antigo discípulo de Orígenes. Por ter interpretado literalmente e erroneamente o texto de Mt 19,12, mutilou-se a si mesmo, vivendo de forma ascética. Em 212, viajou à Roma, capital do Império Romano, a fim de ver a Igreja Romana, “supõe-se com boas razões que nesta ocasião haja conhecido o presbítero Hipólito. Quando, em 215, as tropas do Imperador Caracala assolaram Alexandria, causando horrível mortandade e perseguindo, de preferência os filósofos e suas escolas, Orígenes logrou fugir e foi para Cesárea, na Palestina, onde a pedido do Bispo Teoclisto, bispo de Jerusalém, pregou nas Assembleias cristãs”⁵.

Em 217 d.C., Orígenes retorna novamente para Alexandria, a convite do bispo Demétrio, o qual he confiou a escola dos Catecúmenos. Pela sua força de vontade e dedicação aos estudos filosóficos e teológicos, Orígenes entregou a escola de Catecúmenos a seu auxiliar, Heráclous, e passou a ensinar Filosofia e Teologia a um auditório mais culto, mais seletivo, especializando-os particularmente “no ensino da exegese bíblica”⁶. Devido aos conflitos surgidos com o bispo de Alexandria,

⁵ ALTANER, Bethold e Stuiber, Alfred. *Patrologia*: vida, obras e doutrinas dos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 203-204

⁶ ALTANER, p. 203-204.

em 232 d.C., Orígenes mudou-se “para Cesareia, na Palestina, onde fundou outra escola, semelhante à de Alexandria. Lá teve como discípulo o futuro São Gregório Taumaturgo, que lhe dedicou grande veneração”⁷.

Devido aos maus tratos sofridos por ocasião da perseguição realizada pelo Imperador Décio, morreu em 254. “Após a sua morte, foi alvo de condenação e teve seus escritos parcialmente destruídos. Ninguém granjeou tantos adversários e admiradores como ele”⁸. Orígenes sustenta algumas hipóteses que são incompreensíveis e incompatíveis com a doutrina da Igreja Cristã, porém, é verdadeiro que sua intenção sempre fora de ser “um homem fiel a igreja, a sua doutrina e suas instituições, e jamais deixou de lado a pedagogia eclesiástica”. Por certo, a influência médio-platônica e a interpretação alegórica das Escrituras Sagradas foram os motivos para que desenvolvesse doutrinas inerentes com os pais apostólicos anteriores e posteriores a ele, tais como a doutrina da salvação universal, da não existência eterna das almas no inferno e da escola das almas.

Com o surgimento do médio-platonismo, nota-se uma tônica religiosa bastante sincrética. Platão, o sumo teólogo, está associado a Pitágoras, como o mais antigo, e os mais antigos são mais verdadeiros. O cristianismo usa este argumento contra os gregos e, por ser mais antigo, era mais verdadeiro do que a filosofia grega. Platão havia proposto o “salto da transcendência”, que é “a garantia da unidade teológica que atribui a supremacia do mundo inteligível ao ‘reino’ das essências, das ideias morais. Há um subjugamento do mundo sensível em Platão, que o coloca como objeto da verdadeira ciência, o mundo das ideias”⁹.

Deus transcende todas as realidades corpóreas compostas de matéria e espírito ao mesmo tempo. Outrossim, por ser absolutamente simples, as forças cognitivas sempre permanecerão muito aquém dEle¹⁰. De fato, nós, homens, somos compostos de espírito e corpo e, por mais

⁷ GOMES, 1979, p. 147.

⁸ GOMES, 1979, p. 147.

⁹ SANTOS, Valdeci Ribeiro. *Labirinto: Do belo platônico à potência do entendimento em Spinoza (A propósito do domínio das paixões)*. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo13.html>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

¹⁰ REALE, Giovanni *et al.* *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 52.

que possamos abstrair da nossa sensibilidade, estamos sempre presos ao nosso corpo, o que nos dificulta alcançarmos as realidades espirituais; doravante, todo conhecimento que transcende o corporal custa-nos um esforço redobrado¹¹. Com muita dificuldade percebemos a incorporeidade do nosso próprio espírito. Como podemos, pois, esperar compreender a plena imaterialidade e simplicidade de Deus?

Analogamente, quanto nossa inteligência está fechada na estreiteza da carne e do sangue e se torna mais tarda e obtusa pelo contato com essa matéria, mesmo que no confronto com a matéria corpórea seja de longe superior, todavia, quando tende às realidades incorpóreas e procura compreendê-las, tem a custo o valor de uma centelha ou de uma lamparina. Mas, entre as realidades intelectuais, ou seja, incorpóreas, o que é tão superior a todos, tão inflexivelmente e inestimavelmente excelente quanto Deus? Por isso a natureza dele não pode ser compreendida pela capacidade da mente humana, mesmo que seja a mais pura e a mais límpida¹².

Um dos princípios do médio-platonismo é a apresentação de Deus como uma inteligência (*Nous*). Este primeiro deus é o primeiro princípio e só se pode falar dele por negação. Neste tipo de raciocínio religioso há mais coisa na divindade do que o espírito humano pode conceber, de modo que conceber Deus é não apenas inverter de maneira blasfematória o sentido da criação, pois Deus concebe o homem e não o contrário. Partir de uma ideia bem definida e completa de Deus é forçosamente correr o risco de limitar os caminhos que os homens tomam, sem o saber, para ascender a Deus.

O Intelecto ou primeiro deus contém em si as ideias platônicas. Fílon afirma que primeiro Deus pensa um mundo ideal e cria o mundo, pensa as ideias platônicas; em segundo lugar, cria a alma do mundo, que é dotada de inteligência e ordena o mundo sensível. O logos não é Jesus Cristo, mas o logos estoico; terceiro, a matéria primordial, engendrada,

¹¹ BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. Desde as Origens até Nicolau de Cusa. 7 ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 58-59.

¹² REALE, 2005, p. 52-53.

que vai receber a impressão das ideias, como um selo, ou um molde. Podemos exemplificar estes princípios no seguinte esquema¹³:

	PLATÃO	FILON	
Razão →	<u>Mundo das ideias</u> Verdade Bem Arquétipos Modelo	<u>1º deus</u> Intelecto Contém as ideias platônicas	Princípio do mesoplatonismo
Sentido →	<u>Mundo sensível</u> Opinião Sombra Aparência	<u>Logos</u>	
		Matéria primordial engendrada	

Veilleux afirma que a “Igreja de Alexandria nasceu da primeira geração do Cristianismo no coração de uma diáspora judaica altamente educada que contava, de acordo com Plínio, cerca de um milhão de membros, isto explica o fato da Igreja de Alexandria e do Egito terem desde o início uma orientação judaico-cristã marcante. Explica também sua abertura à tradição escriturística e mística que marcaram as igrejas judeu-cristã das primeiras gerações de cristãos”¹⁴. Com estes precedentes, o encontro do helenismo com o cristianismo em nível erudito adquire em Orígenes uma importância da mais alta significação. Além de representar uma tentativa clara de fundamentação filosófica das verdades da fé, inaugura uma distinção entre o simples crente e o teólogo, entre aquele que tem apenas *pistis* e alcança uma interpretação literal, quando muito histórica, da doutrina, e aquele que conhece o verdadeiro significado dos livros sagrados e entende certos exemplos bíblicos metaforicamente, como exemplos de grandes verdades metafísicas ou éticas.

¹³ MONTEIRO, Aline Torres. *Orígenes: uma chave de leitura*. Curso de Teologia Patrística. Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, 2006.

¹⁴ VEILLEUX, D. Armand. *Lectio Divina como escola de oração entre os Padres do Deserto*. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/monaquismo/lectio_divina_como_escola_de_oracao_entre_os_padres_do_deserto.html. Acessado em 20 de setembro de 2018.

A partir da distinção já estabelecida pela cultura clássica entre um tipo esotérico de saber, que traduz a verdade (*aletheia*) e outro, exotérico, que é a mera aparência (*doxa*), a teologia cristã procura firmar-se como representante da verdadeira *gnosis*. E esta se consubstancia nos seus mistérios, opostos aos da religião pagã, inteiramente falsos, mas que já a partir do século IV a.C, por oferecerem uma relação mais pessoal com a divindade, passaram a ocupar no coração do homem helenístico o vazio deixado pela fé olímpica. Orígenes sustenta algumas suposições incompatíveis com a doutrina da igreja, levado por seu alegorismo na interpretação da bíblia e pela influência da filosofia platônica. Mas é também certo que sua intenção sempre foi a de se dedicar inteiramente à igreja e de jamais se afastar da vida eclesiástica. Sua fecundidade literária ultrapassa a de todos os padres e abrange vários ramos do estudo cristão. Ele é um mestre e, antes de tudo, um cristão.

2. O pensamento teológico de Orígenes

Para compreender o pensamento teológico de Orígenes, antes de especificar a sua escatologia, partimos do seguinte esquema¹⁵:

PLATÃO	FÍLON	ORÍGENES
<u>Mundo das Ideias</u> Verdade Bem Arquétipos Modelo	<u>1º Deus</u> Intelecto Contém as ideias platônicas	<u>Deus (Nous)</u> (Deus Pai)
<u>Mundo Sensível</u> Opinião Sombra Aparência	<u>Logos (mundo ideal)</u>	<u>Logos (mundo ideal)</u> (Deus Filho: Jesus Cristo)
	Matéria primordial engendrada	Katabolé ¹⁶

¹⁵ MONTEIRO, 2006.

¹⁶ Grego: *katabolé* – “ação de atirar de cima para baixo”; *katadoúpa* – queda d’água”; *kataráktes* – que se lança para baixo”; *katarhynós* – primatas com narinas voltadas para baixo”.

Segundo Orígenes, “a ênfase está na verdade – concebida conforme a tradição platônica”¹⁷. Orígenes procura buscar respostas bíblicas em um sistema que se move em dois planos, um superior e outro inferior. O mundo superior é composto pelo Pai, que é Deus (*Theos*), um ser incompreensível, imutável, ilimitado, eterno e que é também transcendente: “A criação mostra a extensão da influência do idealismo platônico sobre a teologia. A criação é eterna, pois o Criador Onipotente sempre deve ser Criador”¹⁸. Deus é intelecto puro, pensa o mundo ideal. O Pai sempre foi criador, se Deus é eternamente criador, então deve ter eternamente criatura. Deus então pensa a criatura e a criatura está sempre na mente de Deus.

Ao interpretar Gn 1,26, Orígenes afirma que o homem foi criado mais a imagem de Deus, o que chama de a pré-existência: “Dessa forma, ele postula uma criação eterna, mas não uma criação corpórea eterna. O mundo que Deus primeiramente criou não este mundo visível, mas um composto de intelectos puros”¹⁹. A criação é atemporal, intelectos puros, que teria um corpo etéreo, cintilante, é uma criação por amor. Estes intelectos puros é a Imagem de Deus. A igreja nasce aqui, ela é a reunião desses intelectos. Orígenes diz que desde o primeiro instante houve um intelecto que se uniu ao *Logos*, e o *Theantropos*, o homem em Deus, ou o Deus-homem, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, assim todos os intelectos vão se unir ao *Logos*. A igreja já é o conjunto de intelectos puros na existência²⁰. Deus cria por amor e quer em resposta o amor. O *Katabolé* é o esfriamento do amor, é o distanciamento de Deus: “O mundo inferior é o mundo em que aparecem as criaturas espirituais espíritos puros, inicialmente todos iguais e que participam no *Logos*”²¹.

Mas entre o mundo superior e o mundo inferior, aparece a Pessoa do Filho, que é a imagem do Deus-Pai, mas também é a imagem das criaturas inferiores, sendo ao mesmo tempo divino e humano, um ser incompreensível como o Pai e compreensível como os espíritos puros. Neste

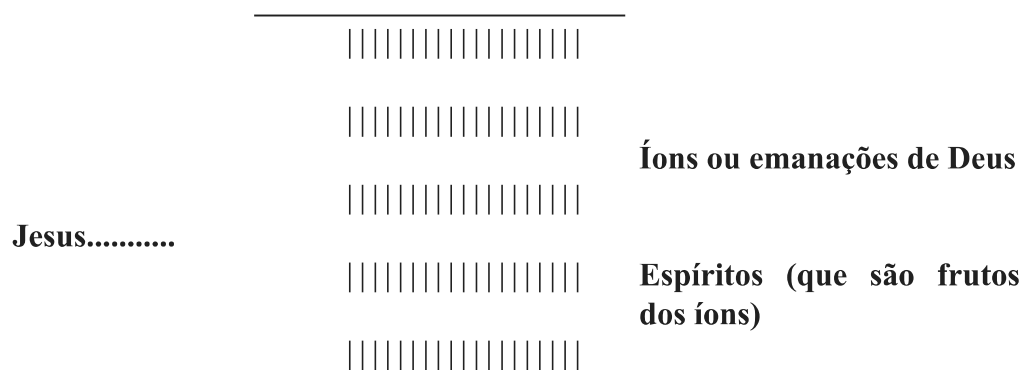
¹⁷ GONZALEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: Do Início até o Concílio de Calcedônia*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã. 2004, p. 221

¹⁸ GONZALEZ, p. 214-215.

¹⁹ GONZALEZ, p. 215.

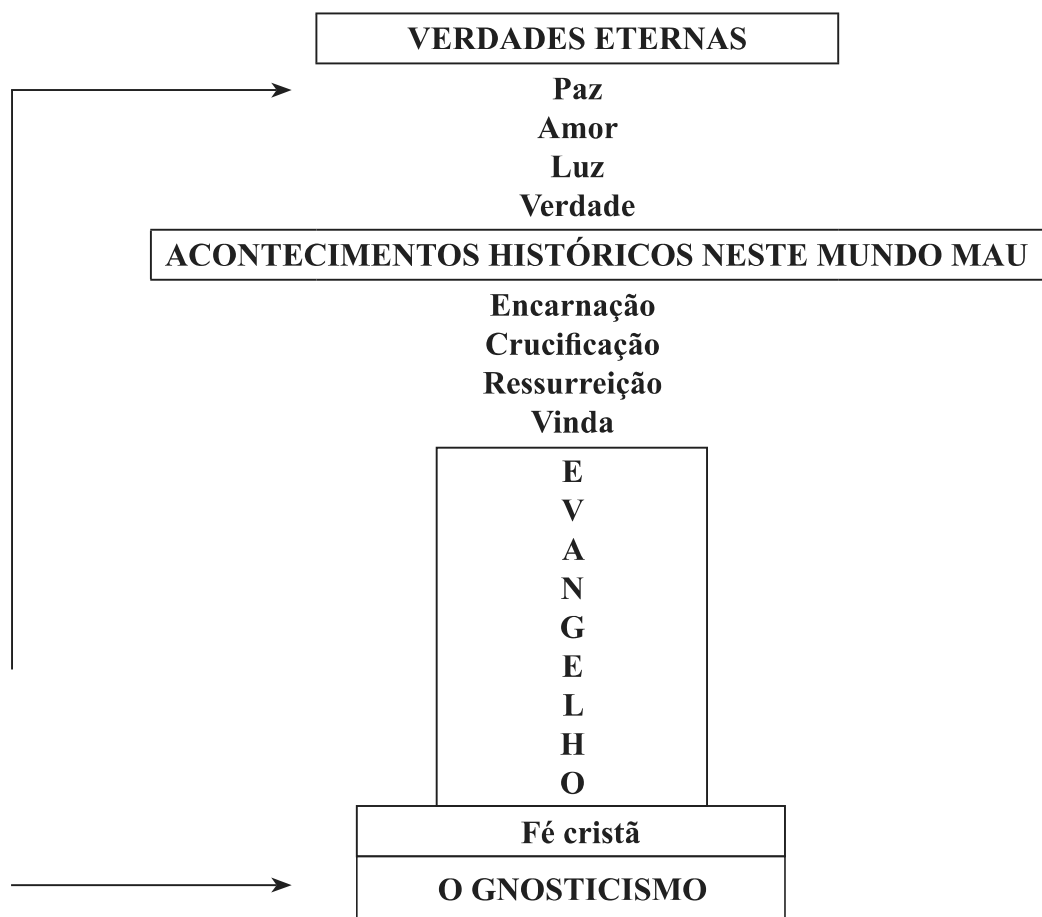
²⁰ MONTEIRO, 2006.

²¹ GOMES, 1979, p. 147.

DEMIURGO

Nem todos os espíritos são íons puros

Parece-nos também que o pensamento teológico de Orígenes está mais perto do gnosticismo do que dos pais apostólicos, conforme se verifica neste esquema:



É neste pensamento teológico de Orígenes que surgem as doutrinas da Escola das Almas, da não existência eterna do inferno, da salvação dos demônios, da salvação universal e do triunfalismo cristão. As interpretações teológicas de Orígenes são sempre problemáticas, “a elaboração teológica tem duas facetas: a) busca aprofundar a tradição; b) propõe algo para interpretar, faz uma pesquisa e propõe soluções”²⁴. A habitação final das almas espirituais é no plano inferior, onde habitam os espíritos puros e bons. A missão de Jesus é educar as almas a serem elevadas a este plano. Deus continuará incompreensível, mas dará por meio de Jesus Cristo a revelação de toda a criação terrena e a revelação das coisas encobertas.

A presença de Deus, ligada outrora ao tempo material, a partir da encarnação, habita na humanidade de Jesus, na Igreja. A pregação para Orígenes assume um valor vital, porque é a vinda, a manifestação atual de Cristo à comunidade redimida em seu nome. Este elemento eclesiológico é a 2ª chave do pensamento origeniano²⁵.

3. A esperança escatológica de Orígenes

Escatologia é a doutrina dos fatos e dos eventos que deverão acontecer no fim da existência humana na terra ou no fim da história do mundo. Ela está mais relacionada com a segunda vinda de Cristo e os acontecimentos com ela relacionados. Também diz respeito a vida individual como também a vida coletiva. A palavra escatologia não existe nas Escrituras Sagradas e, na verdade, ela apareceu posteriormente, a partir do grego *eschatos*, o termo final, as últimas realidades; da raiz hebraica ‘hr = ser, depois – ‘Aharôn = o seguinte, aquele que vem depois: o dia seguinte (Is 30,8; Pv 31,35); a geração seguinte (Dt 29,31); o sinal seguinte (Ex 4,8)”²⁶. A escatologia se divide em duas partes: a individual que está relacionada com a morte física, a imortalidade da alma e o estado

²⁴ FIGUEIREDO, Fernando Antonio. *Curso de Teologia Patrística II*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 92.

²⁵ HAMMAN, 1980, p. 97.

²⁶ LEPARGENEUR, Hubert. *Esperança e Escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974, p. 73.

intermediário, que é o período que vai da morte física à ressurreição do corpo, e os gerais, que dizem respeito a segunda vinda de Cristo, a ressurreição do corpo, o milênio para os que ainda o aguardam e o juízo final. A escatologia não é apenas um capítulo da teologia, mas é a própria forma de ver a história. A escatologia é um fator de conforto e consolação para os crentes, na qual deve fortalecer a vida cristã, a fé e a esperança. A escatologia é a esperança da igreja.

A escatologia antiga fundava-se no conceito de um encerramento do curso do tempo. Esta única ideia conserva-se viva em Orígenes de toda a escatologia judaica: o porvir da Lei que deve se tornar universal. Nesta perspectiva da esperança escatológica, Orígenes é um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento escatológico no período patrístico. Ele procura trazer uma reflexão teológica capaz de transmitir uma esperança que conforta o coração humano, que “se harmoniza com a cosmologia e as ideias éticas dos gregos eruditos”²⁷. Seu pensamento inicialmente passa pela “ideia de uma criação a partir de uma matéria pré-existente e que havia de limitar-se de alguma maneira a soberana liberdade criadora do Deus supremo”²⁸. Já que Deus é bom e não há diversidade na mente de Deus que possa implicar em divisão e imperfeição, a diversidade da criação surgiu como consequência das opções das naturezas racionais que originalmente foram criadas. Vives afirma que “estas naturezas vieram das mãos de Deus absolutamente iguais, e que em Deus, bondade, simplicidade, não podia haver causa de diversidade na criação, isto surgiu como consequência das opções das naturezas racionais originalmente iguais”²⁹. A atitude básica de Orígenes para com a aceita tradição escatológica de sua época é talvez mais bem observada em seu manuseio das passagens apocalípticas do Novo Testamento, comentando sinais cataclísmicos preditos por Jesus nos evangelhos para o fim do mundo”³⁰.

²⁷ SIEPIERSK, Paulo. *A esperança da Igreja Primitiva*. Seminário Teológico Batista do Norte, 1991-1992.

²⁸ VIVES, José. *Los Padres de La Iglesia*. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1971, p. 252.

²⁹ VIVES, 1971, p. 252.

³⁰ VIVES, 1971, p. 49.

a) A imortalidade da alma

Orígenes é convicto do relacionamento das faculdades humanas, na dicotomia do corpo, alma e espírito, elementos do sentido para o relacionamento humano com o meio externo obedecendo a um grau de acesso e de utilidade. “A alma do homem se liga o sentido moral, útil e progride, o espírito do homem se relaciona com o sentido espiritual e o corpo corresponde ao sentido literal”³¹. O homem é um ser tridimensional, com qualidades de relacionamento, tanto no campo humano temporal na consciência e no mundo espiritual. No seu pensamento, somente aqueles que conseguem o relacionamento da alma e do espírito são capazes de pensar e fazer afirmações racionalistas e alegóricas pela elaboração das propriedades surgidas destas faculdades. Porém Orígenes “percebe que a forma e constituição do corpo ressurreto é tanto uma questão difícil de se discutir com clareza... por causa da Igreja em defender a importância do corpo contra a mitificação gnóstica... como parte de sua explanação da esperança cristã por uma ressurreição pessoal, ele desenvolve sua insistência na imortalidade da alma intelectual e espiritual”³².

Nesta perspectiva Orígenes é capaz de demonstrar que a imortalidade da alma é uma doutrina que dá continuidade a vida cristã após a morte, assegurando-lhe a personalidade individual e justa. O conceito da imortalidade da alma tem a sua origem na própria imagem e semelhança de Deus, a *Imago Dei* que pelos próprios atributos divinos torna-se imortal. Expressamente afirmado que o Homem foi criado à Imagem de Deus e Deus sendo um Ser Triúno em Sua natureza constitutiva, o homem possui uma natureza triúna constitutiva: corpo, alma (intelecto) ou/e espírito que administram a matéria física do homem, a mente do homem e a comunhão do homem com Deus. Isto é estranho à teologia hebraica que apenas vê o homem de uma forma única, mas é verdade que o homem só pode ser apresentado unitariamente, independente de sua natureza constitucional.

A *Imago Dei* abrange toda a pessoa do homem e foi apagada em sua essência, embora a imagem permaneça, pois o Homem ainda é Senhor da Terra (Sl 8), manifesta sua imagem na administração familiar quando

³¹ FIGUEIREDO, 1984, p. 97-98.

³² SIEPIERSKI, 1991-1992, p. 51.

o homem é o cabeça da mulher e, quando Deus condena o homicídio, condena por tirar a vida de sua imagem, embora desprovido da essência. Cristo existe como imagem essencial do Deus Invisível, ou seja, é a imagem existencial e essencial. Ele é “Completo” e por Sua “Completude” nós podemos ser recompletados e voltar à situação original. Somos reconstituídos como *Imago Dei* pelo decreto do Pai, pelo Sacrifício de Cristo e pela visitação do Espírito, embora ações diferentes em termos existenciais possuam a mesma essência; da mesma forma a constituição humana, tríplice em essência una. A esperança escatológica da igreja cristã é a bem-aventurada imortalidade, porém esta imortalidade para a Igreja seria numa data bem avançada, quando Deus realizaria a ressurreição geral dos mortos. Era a crença que Deus ressuscitaria o corpo para que, unido à alma, pudessem ser julgados juntos. O corpo e a alma percorreram mundos todo o caminho da história terrena, tiveram méritos, alegrias, tristezas, “sofreram e sacrificaram mundos durante a sua permanência terrestre, a fim de apressarem a vinda do reino dos céus sobre a terra. Eles foram separados pela morte, mas serão reunidos na vida da eterna benção, uma vida sem dor, mal ou morte, num novo mundo”³³.

b) A ressurreição do corpo

A ressurreição do corpo é também um dos assuntos que Orígenes apresenta no desenvolvimento do seu pensamento escatológico e, nesse ponto, está a sua compreensão da esperança cristã: a ressurreição. Orígenes expõe exegeticamente “tanto a crença de que a alma tem sua própria substância e vida, que continua depois da morte para experimentar tanto a punição como a recompensa imediata por suas ações, como a expectativa que virá o tempo da ressurreição dos mortos”³⁴. Haverá a ressurreição do corpo, mas de um corpo espiritual, com características espirituais, portanto diferente da constituição e características dos atuais corpos materiais. Orígenes crê na ressurreição dos mortos, mas a alma não receberá este corpo corruptível, mas outro corpo, superior e etéreo. “Os corpos, entretanto, existem com características de grande alcance,

³³ LEPARGNEUR, 1974, p. 16.

³⁴ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 51.

preparados para o ambiente no qual suas almas se encontram. Assim a alma admitida para contemplar Deus necessitará de um tipo de corpo para as ‘regiões mais puras, etéreas e celestiais’, bastante diferente daquele que ela possui na terra”³⁵.

Orígenes fornece até as características dos corpos ressurretos, que será um protótipo do nosso corpo atual, porém, libertado dos traços que o habilita apenas para a vida material, e “delicada, pura e resplandecente... como a condição racional da criatura exige, e como seus méritos indicam”³⁶. “As características do corpo ressurreto serão diferentes daqueles do corpo atual. Orígenes explica dizendo o porquê a alma sempre forma para si um corpo especializado para seu ambiente físico. Da mesma maneira que nós, sem dúvida teríamos brônquios se vivêssemos na água”³⁷. Orígenes desenvolve seu pensamento afirmando duas ressurreições: a primeira ressurreição está relacionada com a vida do cristão, no processo de conversão, fé e batismo, especificamente o batismo, ato de iniciação na irmandade cristã. É a ressurreição da morte nos delitos e pecados para uma nova vida. É a experiência do poder de Deus manifestada pela Sua graça, chamado por Orígenes “batismo na água e no Espírito Santo; que livrará o crente do batismo do fogo”³⁸. É basicamente a interpretação de Mt 3,11: “vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”. A segunda ressurreição será a ressurreição final, a realização escatológica de toda igreja, evidência da sua coletividade. A primeira ressurreição é individual, a segunda ressurreição é coletiva, é o final da história humana na face da terra. Os crentes resplandecerão como seu Senhor, “irradiando luz divina como o sol singular, serão edificados num único templo, e toda diversidade odiosa entre indivíduos acabará, o templo será criado”³⁹.

c) O estado intermediário da alma

Orígenes não é bem claro ao imaginar o que significa o Hades, entretanto ele nos sugere que “as almas dos justos vão diretamente para o

³⁵ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 53.

³⁶ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 54.

³⁷ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 55.

³⁸ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 56.

³⁹ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 56.

paraíso após a morte, para estar com Cristo, e compartilhar imediatamente na contemplação da verdade que é a bem-aventurança”⁴⁰. Quer queira, quer não, Orígenes sugere um estado intermediário para as almas em pecado, desenvolvendo a noção de um corpo neste estado, com aspectos resplandecentes, parecendo um fantasma, porém com o mesmo formato do seu corpo terrestre. Ele procura justificar o seu pensamento explicando o “aparecimento de fantasmas no mundo pelo fato de que a alma está subsistindo naquilo que é denominado de corpo luminoso... corpo de luz, corpo astral”⁴¹.

A igreja cristã destacava a ressurreição do corpo unido com a alma, que juntos entrariam no paraíso para desfrutar e explorar as regiões celestiais. Orígenes questiona essa posição teológica: “Esses corpos ressurretos incluirão até mesmo o sangue, o cabelo e outras partes corporais, que eles perderam durante a vida? O que acontecerá com a carne humana comida por aves e animais carnívoros, quando esses animais são por sua vez comidos por outros humanos... a quem pertencerá tal carne?”⁴² Estas suposições e questionamentos em tudo parecem fúteis e tolas porque Orígenes afirma que “a ressurreição final será a realização escatológica de toda a Igreja, ao invés de ser simplesmente a salvação dos crentes individuais”⁴³. A esperança escatológica projeta para o futuro o mito que pode abrigar a verdade, porém “o desejo não é necessariamente fantasioso, a razão não destrói a possibilidade de uma pós-vida”⁴⁴.

d) A salvação universal

Um dos pontos mais discutidos da doutrina de Orígenes é a *apocatástases panton*, que trata da salvação universal de todas as almas, inclusive dos demônios. Todas as almas que na terra pecaram “irão depois da morte, para um fogo purificador; pouco a pouco, todos, inclusive os demônios subirão de grau em grau, até que, por fim, inteiramente

⁴⁰ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 57.

⁴¹ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 57.

⁴² SIEPIERSK, 1991-1992, p. 54.

⁴³ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 56.

⁴⁴ LEPARGNEUR, 1974, p. 15-16

purificados, ressuscitarão com corpos etéreos e, novamente, Deus será tudo em todos”⁴⁵. Karl Ranner e Oscar Culmann caracterizam como pagã a aceitação da imortalidade da alma em detrimento ao pensamento judaico. Para Orígenes, *apocatástases* não significa o final do mundo, mas uma sequência de mundos em mutação interminável. O juízo final, para Orígenes, não é punitivo, mas corretivo, portanto, todas as pessoas conseguirão se salvar na catástrofe final. Segundo Gabriela Greggersen, Orígenes acredita que “Satanás e os demônios se salvarão no final e que o fogo do inferno tem prazo para terminar”⁴⁶.

Este processo de purificação é denominado por Orígenes como sendo “a escola das almas”⁴⁷, que dá a ideia de um lugar onde as almas receberão instruções e, se aprovadas, seguirão outros estágios até a purificação total. Neste processo purificador, Orígenes inclui “não somente a experiência negativa de separação das paixões e dos efeitos do pecado, mas também um crescimento positivo em conhecimento e sabedoria, como preparação para a contemplação eterna de Deus”⁴⁸.

“Volta ao teu repouso”, é sinal que antes tinha o descanso e que depois o perdeu... Deus criou-nos bons, fez-nos árbitros das nossas decisões e colocou-nos todos no paraíso, juntamente com Adão. Mas dado que, pela nossa livre decisão, precipitámos daquela bem-aventurança, terminando no vale de lágrimas, por isso o justo exorta a sua alma a voltar ao lugar de onde caiu... “Volta, minha alma, ao teu repouso, porque o Senhor foi bom para contigo”. Se tu, alma, voltas ao Paraíso, não é porque és digna disto, mas porque é obra da misericórdia de Deus. Se saíste do Paraíso, foi por tua culpa; contudo, voltar para ali é obra da misericórdia do Senhor. Digamos também nós à nossa alma: “Volta ao teu repouso”⁴⁹.

⁴⁵ ALTANER, 1972, p. 213

⁴⁶ GREGGERSEN, Gabriela. Se não é Verdade é o que? Agostinho contra a Mentira. *Revista Mirabilia* 4, p. 38-49, 2004. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2004_05.pdf. Acessado em 21 de julho de 2018.

⁴⁷ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 59.

⁴⁸ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 59.

⁴⁹ ORÍGENES. Comentário do Salmo 115. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/2005/documents/hf_jp-ii_aud_20050126_po.html. Acesso em 21 de junho de 2016.

Na escola das almas, que está localizada em algum lugar nas regiões celestiais (Ef 1,3), as almas receberão dos próprios anjos as instruções necessárias, como também respostas a todas as indagações e dos acontecimentos terrenos e as explicações das passagens bíblicas que nos trazem tantos questionamentos, revelando tudo aquilo que está coberto. Como a ação punitiva é corretiva, educacional, o pensamento de Orígenes é banhado de fortes convicções da salvação universal. Comentando 1Cor 15,24-28, Orígenes afirma que “quando Cristo destruir todos os seus inimigos, mesmo a morte, e passará todas as coisas em “sujeição” a seu Pai, que será “tudo em todos”. O mal, então, acabará totalmente e “todo o Israel será salvo”⁵⁰.

Outra dimensão que causou grande escândalo neste processo da salvação universal foi a crença de Orígenes que incluiria na salvação final “até mesmo Satanás e os outros espíritos malignos. Assim ele enfatiza no comentário de João, que o triunfo final de Cristo significará um fim a toda ‘luta’ contra os ‘principados’, poderes e virtudes... todos os seres que, daquele simples início, têm sido movidos, cada qual com sua própria mobilidade, através de vários estágios alocados a eles por seus méritos, irão ao final ser restaurados à unidade com Deus através de toda sujeição a Cristo”⁵¹. Quando Orígenes foi expulso de Alexandria, pelo bispo Demétrios, no ano 231, calorosamente escreve uma carta aos seus amigos negando efetivamente “que jamais tenha ensinado a redenção dos demônios, acusando seus inimigos de adulterarem seus escritos”⁵².

Na *apocatástase* universal, os corpos ressuscitados serão semelhantes ao do primeiro homem, criado imediatamente por Deus. Exagerando a bondade de Deus, parece que Orígenes chegou a afirmar que todos os espíritos, incluindo os demônios, chegarão, mais cedo ou mais tarde, a uma purificação, permitindo-lhes de integrar-se a seu princípio; e Deus reinará em tudo e em todas as coisas para sempre. Uma outra questão referente à *apocatástase* é a temporalidade do inferno. Ele negava a eternidade do inferno e a eternidade da punição. Uma vez que todos

⁵⁰ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 59.

⁵¹ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 60.

⁵² SIEPIERSK, 1991-1992, p. 61.

irão salvar-se, o inferno deixa de ser um lugar, ou o lugar de horrores e tormentos, passando simplesmente a ser um estágio de purificação das almas pecadores. Orígenes utiliza a palavra eterno com referência a punição eterna, num sentido de “referir-se a longos, mas limitados períodos de tempo ao invés da eternidade no sentido agostiniano de existência atemporal ou mesmo de duração interminável”⁵³.

Orígenes insiste em afirmar que todas as almas precisam passar por este processo de purificação, pelo fogo purificador do Espírito Santo, para ser salvo. O Espírito Santo penetra o ser humano igualmente como garantia da ressurreição universal. Como será isso realizado é um mistério, mas Orígenes, pondo o acento na misericórdia divina, fundamenta a salvação de todos os homens e o desaparecimento final do mal. Na escola de Alexandria, Gregório de Nissa afirma que “sem a universalidade da salvação não haveria vitória total de Deus sobre o mal. Gregório de Nissa considerava a possibilidade até de renascimento depois da ressurreição de todos, e a possibilidade da salvação de Satã, mas isso como sua opinião pessoal”⁵⁴.

e) Intercessão pelos mortos

Os judeus oravam pelos mortos, porém a questão vindoura ou século vindouro é uma questão individual. Orígenes acha “tolice de alguns que acreditam que qualquer um pode ser salvo do Geena (inferno) através das orações de intercessores santos”⁵⁵. Apesar de ser bem difundido a oração pelos mortos, pela ótica de Orígenes a oração de intercessão dos santos pelos mortos seria tolice, uma vez que todos iriam se salvar no cataclisma escatológico, pelo fogo, ou através das instruções na escola das almas. Mas, parece-nos que os mortos poderiam interceder pelos vivos, enquanto aguardam o fim escatológico, pois os mortos estariam no mesmo plano dos vivos até a consumação dos séculos.

⁵³ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 58.

⁵⁴ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 59.

⁵⁵ SIEPIERSK, 1991-1992, p. 56.

Conclusão

Entender o pensamento e a esperança escatológica da igreja primitiva através de Orígenes não é fácil, pois os seus questionamentos e as suas hipóteses nos parece um tanto tolas e frutos da especulação filosófica. Mas o platonismo servia: a) para a distinção dos dois mundos, o visível e invisível; b) o conceito de um deus “demiurgo”; c) seu alto conceito de alma, espiritual, imortal, distinta do corpo e superior a ele no qual o homem deve sujeitar-se pelo ascetismo as tendências inferiores; d) a ideia de purificação como meio de elevar a alma da ordem sensível à espiritual; e) a crença em castigos e prêmios, além deste mundo; f) a tendência religiosa das últimas derivações do platonismo. Esses elementos das filosofias foram depurados, ratificados, enriquecidos e até forçadas em benefício de uma concepção do mundo, do homem e de Deus muito mais elevada que os dos filósofos da Grécia. As raízes foram tiradas deste encontro da filosofia com o cristianismo, dando origem aos ramos da teologia, moral, psicologia e antropologia, que serviu para marcar um avanço positivo na filosofia. Algumas soluções oferecidas por Orígenes sobre a condição final das criaturas humanas no paraíso se terão ou não corpo são enunciações que nos dão duas opções: 1) As Escrituras ensinam a ressurreição do corpo; 2) O platonismo afirma que a matéria não pode participar da contemplação final.

A escatologia de Orígenes se desenvolve a partir de uma visão bíblica e da filosofia médio-platônica. Existe alguns conceitos discutidos que não se enquadram em outros escritores contemporâneos seus e outros escritores da patrística, tais como Tertuliano, Jerônimo, Agostinho, principalmente este último que não aceita: a) a salvação universal da humanidade; b) a salvação dos demônios e do diabo; c) a escola das almas; d) a divisão platonista do mundo (este conceito é desenvolvido por Agostinho, numa visão um pouco diferente de Orígenes); e) a criação a partir de uma matéria pré-existente; f) as duas ressurreições a partir do batismo; g) as ideias de purgatório após a morte (doutrina sistematizada somente em 503); h) o Juízo Final ter o aspecto apenas corretivo; i) a penitência pública; j) a desmistificação do corpo; k) a oração pelos mortos (doutrina desenvolvida pela Igreja em 310 d.C.).

Dessa forma, partindo das principais representações da morte e do além elaboradas pelo pensamento simbólico e reflexivo ao longo da história, podemos destacar: a) os diferentes significados que a morte e o além adquiriram na história da igreja e sua resignificação à luz do evento escatológico da ressurreição do Cristo; b) os principais elementos a partir dos quais a teologia e a igreja compreenderam o destino último da pessoa humana; c) a reinterpretação que a teologia recente fez da escatologia de dupla fase; d) como pensar e falar teologicamente da morte, da ressurreição do corpo, do juízo, do céu e do inferno hoje?

Referências

- ALTANER, Bethold. Alfred Stuiber. *Patrologia, Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972.
- BETTENSON, H. P. *Documentos da Igreja Cristã*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983.
- BITTENCOURT, Benedito de Paula. *Problemas de uma Igreja Local: A Igreja em Corinto e a Igreja Contemporânea*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CROUZEL, Henri. Orígenes. *Un teólogo controvertido*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1998
- DANIÉLOU, Jean e MARROU, Henri. *Nova História da Igreja*. Vol I. Dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1966
- FEE, Gordon D. e Douglas Stuart. *Entendes o que Lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FIGUEIREDO, Fernando Antonio. *Curso de Teologia Patrística II. A vida da Igreja Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GOMES, C. Polch. *Antologia dos Santos Padres*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

- GONZALEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: Do Início até o Concílio de Calcedônia*. Vol 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004
- GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Vol. 1. A Era dos Mártires. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GREGGERSEN, Gabriela. Se não é Verdade é o que? Agostinho contra a Mentira. *Revista Mirabilia* 4, p. 38-49, 2004. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2004_05.pdf. Acessado em 21.06.2006
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989.
- HAMANN, A. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- HARRIS, R. Lair, et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Esperança e Escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- MILNE, Bruce. *Ensinando as Doutrinas Bíblicas*. São Paulo: ABU. 1996.
- MONTEIRO, Aline Torres. *Orígenes: uma chave de leitura*. Curso de Teologia Patrística. Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, 2006.
- MOUNCE, Robert H. *Mateus*. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. São Paulo: Vida, 1996.
- ORÍGENES. *Comentário do Salmo 115*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/2005/documents/hf_jp-ii_aud_20050126_po.html. Acesso em 21 de junho de 2016.
- REALE, Giovanni et al. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- RICHARDSON, Alan. *Apologética Cristã*. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.
- ROWLEY, Harold H. *A Importância da Literatura Apocalíptica: Um Estudo da Literatura Apocalíptica Judaica e Cristã de Daniel ao Apocalipse*. São Paulo: Paulinas. 1980.
- SANTOS, Valdeci Ribeiro. *Labirinto: Do belo platônico à potência do entendimento em Spinoza*. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo13.html>. Acessado em 26 de agosto de 2018.
- SIEPIERSKI, Paulo. *A esperança da Igreja Primitiva*. Seminário Teológico Batista do Norte, 1991-1992.

VEILLEUX, D. Armand. *Lectio Divina como escola de oração entre os Padres do Deserto*. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/monaquismo/lectio_divina_como_escola_de_oracao_entre_os_padres_do_deserto.html. Acessado em 20 de setembro de 2018.

VIVES, José. *Los Padres de La Iglesia*. Barcelona: Herder, 1971.

Submetido em: 18/09/2018

Aceito em: 16/06/2021